

Balanços Literários 2017 (ebook), org. Associação Portuguesa dos Críticos Literários, Lisboa, Associação Portuguesa dos Críticos Literários/Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2019, pp. 5-14.
<<http://escritoreslusofonos.net/wp-content/uploads/2019/04/APCL.pdf>>

Balanço do Ensaio Literário publicado em 2017

APCL - Associação Portuguesa dos Críticos Literários

Torre do Tombo, 12 de Novembro de 2018

Carina Infante do Carmo
Universidade do Algarve/
Centro de Estudos Comparatistas,
Faculdade de Letras, Universidade de
Lisboa

O ensaio faz-se a bordo dos dias. E a bordo dos livros, na leitura acidental, mais do que na dirigida. É sempre mais o tangencial que me leva ao centro, núcleo duro, pérola de ostra, nó de rizoma, ponto e ponte da fuga. Já no início, em Montaigne, é esse o *método* do ensaio: a aproximação progressiva de si através do *objecto*.¹

Já em 2010 João Barrento augurava um cenário distópico que vem cercando o género ensaio. Nas palavras de *O Género Intranquilo. Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, são duas as fontes de perturbação: de um lado, “a logorreia [da trivialidade] que ameaça sufocar todas as formas de sensibilidade, e a tirania da imagem que atrofia as faculdades do pensar”²; do outro, “a iliberalidade da obra erudita que se excede em explicações, não deixando qualquer espaço, depois de ambiciosamente ter dito tudo”³. De ambos os lados, impõe-se uma força compressora que ameaça a vibração e a inteligência do ensaio, ele que “nasce no espaço livre dos *textos*”⁴ e vive da contaminação do ensaísta com o seu objecto de estudo e escrita e do hibridismo genológico.

¹ João Barrento, “Geografias do acaso: Ensaio geral do ensaio” in *O Género Intranquilo. Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 17.

² *Idem*, p. 37.

³ *Idem*, *ibidem*.

⁴ *Idem*, p. 26.

Este diagnóstico de Barrento converge com a ideia de condição póstuma da literatura, formulada por António Guerreiro para falar do nosso tempo, em concreto da crise das instâncias de mediação que faz retrair e marginalizar o espaço da literatura na escola, na universidade, no mundo editorial, jornalístico e, genericamente, mediático. Em causa estão regimes de comunicação e socialização da cultura, hoje hegemónicos, que propagam um presentismo triunfante, incompatível com a memória e a reflexão crítica, e deslegitimam a tradição literária como modelo identitário, patrimonial e humanístico⁵.

Parto destas duas referências para sublinhar a contradição que hoje vive o ensaio literário. Num tempo de redefinição e miscigenação disciplinar, é inegável o apuro do trabalho intelectual de várias publicações ensaísticas, em resultado da generalização do trabalho de equipas de investigação, assim como da diversificação de metodologias e objectos de estudo no domínio das Artes, das Humanidades e dos Estudos Literários. Em contraponto, bloqueiam-se os canais de disseminação do ensaio, por vezes tão afectado por excessos da linguagem especializada e pela vontade de saturar a interpretação de que fala João Barrento. O ensaio é hoje quase invisível num circuito comercial que se subordina cada vez mais à lógica da indústria de conteúdos. Tem escassa projecção pública, até porque se estiolam os canais de divulgação do jornalismo cultural, o que os meios digitais não compensam de todo, acabando por remeter a edição de ensaio editado para o quase anonimato. Por isso, são poucos os ensaios publicados que não provêm do meio universitário: parte substancial têm chancela universitária ou oficial (caso da Imprensa da Universidade de Coimbra ou da IN-CM) ou resultam da subvenção pública de projectos de investigação e de câmaras municipais e do financiamento dos próprios autores às editoras.

O fluxo de publicação do ensaio literário segue, assim, os ritmos e as linhas de rumo da investigação universitária, com a vantagem de dar visibilidade a matérias que, até há pouco, eram pura e simplesmente marginalizadas. Uma delas é a Literatura para a Infância e Juventude que tem feito caminho no sentido de construir a consistência do seu campo de trabalho. Nesse âmbito evidencia-se a editora Tropelias e Companhia,

⁵ Cf. António Guerreiro, “O humanismo e as suas lições”, *Público*, 03.08.2018 <https://www.publico.pt/2018/08/03/culturaipilon/opiniao/o-humanismo-e-as-suas-licoes-1839658> (consulta: 10.11.2018).

uma das chancelas do projecto editorial Trinta Por Uma Linha, que tem divulgado a investigação e acção no terreno da Rede Temática LIJMI – “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano”, composta por investigadores de universidades ibero-americanas que estudam a produção, recepção e mediação das leituras textuais e visuais destinadas prioritariamente às faixas etárias mais jovens. Ao longo de 2017 foram várias as edições daquela rede, em obras colectivas que reúnem, ainda por sistema, estudos breves sobre géneros como o objecto-livro com destinatário infantil ou a experiência de promoção e mediação da leitura em escolas e bibliotecas, sustentada no conhecimento sobre competências de pré-literacia ou do texto literário⁶. Deste filão de estudo escolho o volume *Contar de Novo. A Escrita para a Infância de António Torrado*, organizado por Sara Reis Silva e João Manuel Ribeiro. Integrando uma colecção dedicada a autores da literatura portuguesa infanto-juvenil contemporânea, o conjunto de breves ensaios aí recolhidos tem um objectivo propedêutico: o de traçar linhas essenciais de leitura sobre a obra daquele escritor e também o de contribuir para o estatuto de maioria da literatura para crianças e jovens na instituição literária portuguesa.

A lógica universitária está igualmente presente num conjunto de títulos que resultam de congressos ou fazem a sondagem poliédrica e muito consistente de escritores essenciais da literatura e cultura portuguesas cujo centenário se comemorou em 2016. A Mário Dionísio dedicaram Kelly Benoudis Basílio e Maria Alzira Seixo a organização do *ebook Como uma Pedra no Silêncio. Recordar Mário Dionísio no Centenário do seu Nascimento* (Centro de Estudos Comparatistas – CEC – da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa): esta edição trata em profundidade o trabalho rigoroso, contínuo e eclético de Dionísio como ensaísta e poeta mas também como pintor e professor, assim protagonizando, ao longo de décadas, no pensamento e na criação artística, a centralidade política da arte e o seu papel na emancipação humana. Por seu lado, a Ana Paula Coutinho, Isabel Pires de Lima, Joana Matos Frias e Jorge Costa

⁶ Aí cabem títulos como *Primeiros Livros, Primeiras Leituras/Primeros Livros, Primeras Lecturas*, com coordenação de Ana Cristina Vasconcelos, Marta Neira Rodríguez e Sara Reis Silva e *Aproximações ao Livro-Objeto. Das Potencialidades Criativas às Propostas de Leitura*, organizado por Ana Margarida Ramos. Acresce a colectânea de José António Gomes, *A Música das Palavras*, sobre a poesia portuguesa contemporânea para infância no diálogo com a música de Fernando Lopes-Graça, Francine Benoît e Suzana Ralha, resultante de um projecto desenvolvido na Biblioteca Municipal de Ílhavo, entre 2012 e 2017.

Lopes coube coligir os estudos reunidos em *Vergílio Ferreira – Escrever e Pensar ou O Apelo Invencível da Arte* (Âncora, da responsabilidade científica do Instituto Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Os artigos concentram-se no ensaio, no romance lírico e no diário de Vergílio Ferreira e potenciam cruzamentos dialógicos com outras expressões artísticas e, sobretudo, com outros escritores e pensadores portugueses novecentistas.

Integrado na comemoração do centenário do mesmo autor e imbuído de uma lógica de síntese e divulgação, inerente à colecção em que é editado, situa-se *O Essencial sobre Vergílio Ferreira* (IN-CM), de Helder Godinho. Este especialista no escritor em questão faz a súmula de uma obra central na prosa portuguesa do século passado. Identifica a linha de rumo consequente e não contraditória do humanismo de Vergílio Ferreira, desde a fase neo-realista e depois, de forma mais sistemática, na fase existencialista, materializada em temas e imagens que traçam um movimento de eterno retorno ou de tema e variação: assim se identificam obras-charneira de Vergílio Ferreira — sem nunca perder de vista a voz citada do escritor — onde confluem e se contaminam a ficção, o lirismo e a densidade filosófica.

Também em resultado de congressos realizados no triénio 2014-2015-2017, foram editados três volumes dedicados a *Teixeira de Pascoaes*, com coordenação geral de Sofia A. Carvalho e coordenação científica de Annabela Rita e José Eduardo Franco (Câmara Municipal de Amarante e CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Reúnem eles um número muito significativo e relevante de estudiosos na obra daquele escritor e pensador, em função de três tópicos centrais: “As Biografias no Pensamento Português” (vol. I), “A Arte de Ser Português e a Renascença Portuguesa” (vol. II) e “Pensamento e Missão” (vol. III).

Assinalo a colectânea organizada por Joana Meirim, *E a Minha Festa de Homenagem. Ensaios para Alexandre O’Neill* (Tinta da China), também ela fruto de um colóquio comemorativo dos trinta anos da morte de Alexandre O’Neill. Sem deixar de tratar explicitamente a identificação do autor de *Feira Cabisbaixa* com o surrealismo, estes artigos permitem assinalar várias intersecções histórico-literárias da sua obra, indo além da modernidade estética até à sua estirpe clássica, e cobrem os vários géneros que ele cultivou ao longo da sua carreira: poesia, crónica, publicidade, teatro, tradução. Sublinha-se, por outro lado, a modulação satírica e genericamente *não lírica* da sua

poética, capaz de introduzir a palavra da dissensão e da violência, o choque perceptivo ou sensível e, como tal, um forte matiz político.

O conjunto de ensaios publicados em 2017 voltam a eleger predominantemente a matéria literária portuguesa e contemporânea. Como exceção sobressaem três títulos. Dois sobre o período clássico, hoje relegado, como sabemos, para um nicho de estudo e edição muito restrito dentro dos nossos Estudos Literários: os *Estudos sobre o Padre António Vieira* (2 vols., IN-CM), cuja coordenação se deve a Arnaldo do Espírito Santo, Ana Paula Banza, Cristina Pimentel, Isabel Almeida e Manuel Cândido Pimentel, renovam a leitura dos sermões e do pensamento e acção de Padre António Vieira, conforme a marca da sua performatividade, padrões argumentativos e reflexões éticas; e de Cidália Alves dos Santos, *La Influencia de Os Lusíadas de Camões en la Épica en Castellano (1578-1627)* (Imprensa da Universidade de Coimbra), que, por via da análise da intertextualidade camoniana na épica castelhana, dá evidência à prática da estética da imitação e aos cruzamentos literários na Península, em plena União Ibérica. E ainda um terceiro ensaio, desta feita com viés filosófico e referente brasileiro: *A Flor Amarela. Ímpeto e Melancolia em Machado de Assis* (Quetzal), onde Anabela Mota Ribeiro desvela, com finura crítica, o substrato pessimista (de fonte schopenhaueriana e nietzschiana) daquele grande prosador brasileiro, tendo por contrapeso vitalista o ponto de vista do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, em última instância, o próprio exercício da escrita.

Sobre a contemporaneidade destacam-se duas obras que se concentram em autores marcantes da segunda metade de novecentos e os estudam mais pelos códigos estético-linguísticos do que pelo seu enquadramento histórico-literário; uma vez mais, a proveniência é académica. Em primeiro lugar, Rita Basílio, em *Manuel António Pina, uma Pedagogia do Literário* (Documenta) que resulta da tese de doutoramento da autora. Sem querer fixá-lo em movimentos ou períodos literários (nem mesmo na chamada *pós-modernidade*), a ensaísta lê uma verdadeira pedagogia do literário em Manuel António Pina: as premissas remontam à reflexão sobre o processo de criação do próprio poeta; os fundamentos são os dispositivos e instrumentos analíticos da escrita e os temas-motivo, como a morte, a infância, a língua e a memória, sempre assomados pela experiência da falta e do próprio rasto, que fazem da literatura um espaço de escuta das vozes de quem agora escreve. Depois, *Luísa Dacosta – Espelhos de Palavra In*

Memoriam (Opera Omnia), em que Paula Morão reúne textos de alunos de pós-graduação da Faculdade de Letras de Lisboa: aí a matéria são a crónica e o romance autobiográfico da escritora, falecida em 2015, sempre fundamentada na análise de texto e de acordo com uma dupla questão: de um lado, a escrita intimista, a autoconsciência de si, da memória e da escrita, e do outro, a escuta e a atenção realista ao mundo dos homens.

Sob um ângulo que recua até ao limiar do século XIX e chega à actualidade, não posso esquecer Álvaro Manuel Machado, em *O Significado das Coisas. Ensaios de Literatura Portuguesa* (Presença), Prémio *ex aequo* de Ensaio Jacinto do Prado Coelho, da Associação Portuguesa dos Críticos Literários. Composto por ensaios publicados desde 2007, o livro é uma metonímia do percurso do crítico literário (“uma nova tentativa de síntese”⁷, chama-lhe ele), aonde confluem trilhos antigos do seu saber sobre a literatura portuguesa moderna e contemporânea: em especial, a sua diletta *Agustiniana*, o Pré-romantismo, a Geração de 70 ou o tema do francesismo, sempre a partir da óptica comparatista.

Num escopo temporal idêntico, Carlos Nogueira, com *São Feitas de Palavras as Palavras. Ensaios de Literatura Portuguesa* (Edições Lusitânia), explora a poesia e a prosa portuguesas, de Nicolau Tolentino a Daniel Faria, de Camilo a Valter Hugo Mãe. Ciente dos limites da linguagem, o título do livro convoca, desde logo, o eco de versos de Manuel António Pina: com eles rediz o que Bakhtine entendeu como dialogia, radicando no cruzamento infinito com a voz de outros o trabalho da poesia, da crítica literária e, como sua extensão indissociável, o ensino da Literatura.

Por seu turno, Jorge de Sena “*Aqui no Meio de Nós*” (Colibri), de Fernando J. B. Martinho, Prémio Jorge de Sena 2016, é um ensaio monográfico sobre um nome determinante do nosso século XX literário. Assim se explora a fidelidade do crítico a um seu escritor dilecto, com quem privou na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. O volume testemunha um trabalho aturado de mais de quatro décadas sobre um lirismo lucidíssimo e culto, a relação dinâmica e crítica de Sena com a tradição clássica, em particular com a poesia quinhentista e o soneto, o diálogo íntimo que sempre estabeleceu entre poesia e crítica. Aí está o húmus da radical modernidade de Sena,

⁷ Álvaro Manuel Machado, *O Significado das Coisas. Ensaios de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 2017, p. 9.

fundada no quadro dos *Cadernos de Poesia* e no contraponto maduro a Pessoa: veio assim a configurar uma poética do comprometimento e do testemunho com o mundo e o seu tempo que, nas palavras de Fernando J. B. Martinho, explica Sena num “radical desamparo em que o sujeito poético julga irrisório apresentar-se ou ver-se como um espectáculo”⁸. A historicidade de Sena é ainda entendida neste ensaio como energia vivificadora para autores seus contemporâneos, caso de Nemésio, Sophia, David Mourão-Ferreira ou até Ruy Belo, e para os que vieram um tanto depois, Vasco Graça Moura, Gastão Cruz, Nuno Júdice e outros.

A Literatura Comparada constitui a área disciplinar mais dinâmica dos Estudos Literários na actualidade. Neste âmbito, sobressaem duas edições da Imprensa da Universidade de Coimbra. *The Edge of One of Many Circles. Homenagem a Irene Ramalho Santos*, organizado por Isabel Caldeira, Graça Capinha e Jacinta Matos, homenageia uma decana da Americanística na Universidade Portuguesa e os frutos que lançou na relação transatlântica e ao longo de quatro décadas de trabalho. Os dois volumes contemplam testemunhos, poemas de homenagem e, acima de tudo, artigos de natureza científica de autores portugueses e estrangeiros que contemplam o domínio da Poética, Literatura Comparada, Estudos Anglo-Americanos, Estudos Feministas, Estudos Culturais e Estudos Pessoaanos.

Também em intercepção disciplinar se situam os estudos de *Narrativa e Media: Géneros, Figuras e Contextos*, reunidos por Ana Teresa Peixinho e Bruno Araújo, na medida em que cruzam os saberes das Ciências da Comunicação, dos Estudos Literários e dos Estudos Narrativos. Afinal de contas, os termos textuais e discursivos da narrativa (ficcional ou factual e os seus híbridos, que hoje fazem perigar a própria existência do jornalismo) são a matriz representacional dos *media* impressos, audiovisuais e digitais. As narrativas mediáticas da actualidade confirmam a forma como o conhecimento, os sentidos e os valores são reproduzidos e circulam na sociedade, quando até há poucas décadas eram, em larguíssima medida, veiculados e, sobretudo, legitimados pela literatura.

Para encerrar, devo dar um sublinhado especial a três títulos que exemplificam, na sua diferença, como obras de maturidade, a definição de ensaio apurada por João

⁸ Fernando J. B. Martinho, *Jorge de Sena “Aqui no Meio de Nós”*, Lisboa, Colibri, 2017, p. 45.

Barrento: uma escrita vibrátil e aberta, contaminada pelo seu objecto de estudo, uma ruminação auto-reflexiva do género e do ensaísta, experimentação e deriva que nasce no espaço livre dos textos e uma linha avançada de defesa da tradição literária como instrumento privilegiado para reconhecer uma continuidade com o passado. Todos os três são exercícios sobre a memória literária e artística e cruzam o trabalho da Crítica, da História e do Testemunho. Por sinal, são editados por chancelas que levam a cabo um projecto editorial de resistência e nenhum deles segue o Acordo Ortográfico de 1990.

Primeiro, *Camões e Outros Contemporâneos* (Presença), de Helder Macedo, Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho da APE e Prémio D. Diniz 2018, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus. O aparente inusitado do título pressupõe afinal um conceito constelar e dialógico de tempo histórico. Assim são os termos usados pelo ensaísta: “Contemporâneos são todos aqueles com quem vivemos. Daí o título desta colectânea de ensaios e de testemunhos, com Luís de Camões em predominante recorrência entre D. Dinis e Herberto Helder.”⁹ A elasticidade trans-histórica do olhar crítico (com ensaios e testemunhos sobre autores como D. Dinis, Sá de Miranda, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eça de Queiroz ou Herberto Helder) fundamenta-se na leitura da letra dos textos e recusa-se a arrumar os autores em gavetas periodológicas e sentidos reductores. E fá-lo numa escrita limpa de mestre do ensaio que não se exime à afectividade e à implicação autobiográfica do testemunho.

A escrita sagaz, poética e filosófica de Maria Filomena Molder, em *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais* (Relógio d'Água), tem uma respiração longa: explora motivos trans-históricos, como a viagem em Homero, Dante e Pessoa, ou procura a definição lapidar da poesia pelo desejo humano de dizer, pela fala de viva voz como “respiração boca-a-boca”¹⁰. Assim o fazem poetas portugueses contemporâneos, Manuel Gusmão, Herberto Helder, Joaquim Manuel Magalhães ou Ana Hatherly. Em causa está um sentido de intempestividade e de inactualidade da poesia, este último congénere do conceito de contemporâneo, formulado por Helder Macedo. Este ensaio tem o chão seguro da matriz humanística: a tragédia clássica, Montaigne e a cultura literária alemã, Goethe, Hölderlin, Waburg, Wittgenstein, Benjamin. A este último Maria Filomena

⁹ Helder Macedo, *Camões e Outros Contemporâneos*, Lisboa, Presença, 2017, p. 11.

¹⁰ Maria Filomena Molder, *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais*, Lisboa, Relógio d'Água, 2017, p. 72.

Molder deve o fulgor do fragmento em deriva que emula a escrita literária; abre pequenas bolsas ficcionais, revela as costuras do seu texto, procura o tom do poético, nas sendas da mortalidade de quem escreve. Benjamin pode até ser, senão o seu *alter ego*, pelo menos a sua projecção modelar: “[...] com a morte voltam as estrelas, para ele [Benjamin] um outro nome para as obras de arte, que não salvam a noite (a noite transfigurada mas não salva) só a iluminam.”¹¹

A terminar, Ana Luísa Amaral, em *Arder a Palavra e Outros Incêndios* (Relógio d’Água) — Prémio *ex aequo* de Ensaio Jacinto do Prado Coelho 2018 da Associação Portuguesa dos Críticos Literários — coloca-se sob o signo da metáfora ígnea e alumbrada da poesia. Com ela reivindica a dimensão gnosiológica, ética e política da palavra literária, historicamente situada entre a modernidade estética e a contemporaneidade portuguesa e anglo-americana. O conjunto de dispersos e inéditos aqui coligidos trata a palavra na relação com o mundo, de acordo com pressupostos das Poéticas Comparadas e dos Estudos de Género, Feministas e *Queer*: aí cabem a linguagem corporal de Emily Dickinson, a construção de *identidades fluídas* em *Novas Cartas Portuguesas*, o diálogo comparatista entre *The Waste Land*, de Elliot, e *A Cena do Ódio*, de Almada, ou a infixidez do sujeito e das fronteiras corporais em Sá-Carneiro. Em todos eles se dá a ver a tangência ao político do corpo que escreve, marcado pela diferença sexual, por regimes de identidades do sujeito e relações de poder que modelam os textos, mas também o desenho do cânone literário e das suas margens, nomeadamente da chamada *escrita feminina*. Em simultâneo, e sem contradição, Ana Luísa Amaral faz do ensaio a tal “aproximação progressiva *de si através do objecto*”, de que fala Barrento. Seja quando simula redigir uma conferência futura, como se falasse e expusesse os afectos do seu exercício de pensar, seja, a encerrar o livro, na peça-de-teatro-ensaio em que Almada e outras vozes falam a *língua da poesia* e confirmam o quanto a escrita se faz do que se lê e é ela mesma um gesto criador de mundos.

¹¹ *Idem*, p. 14.